

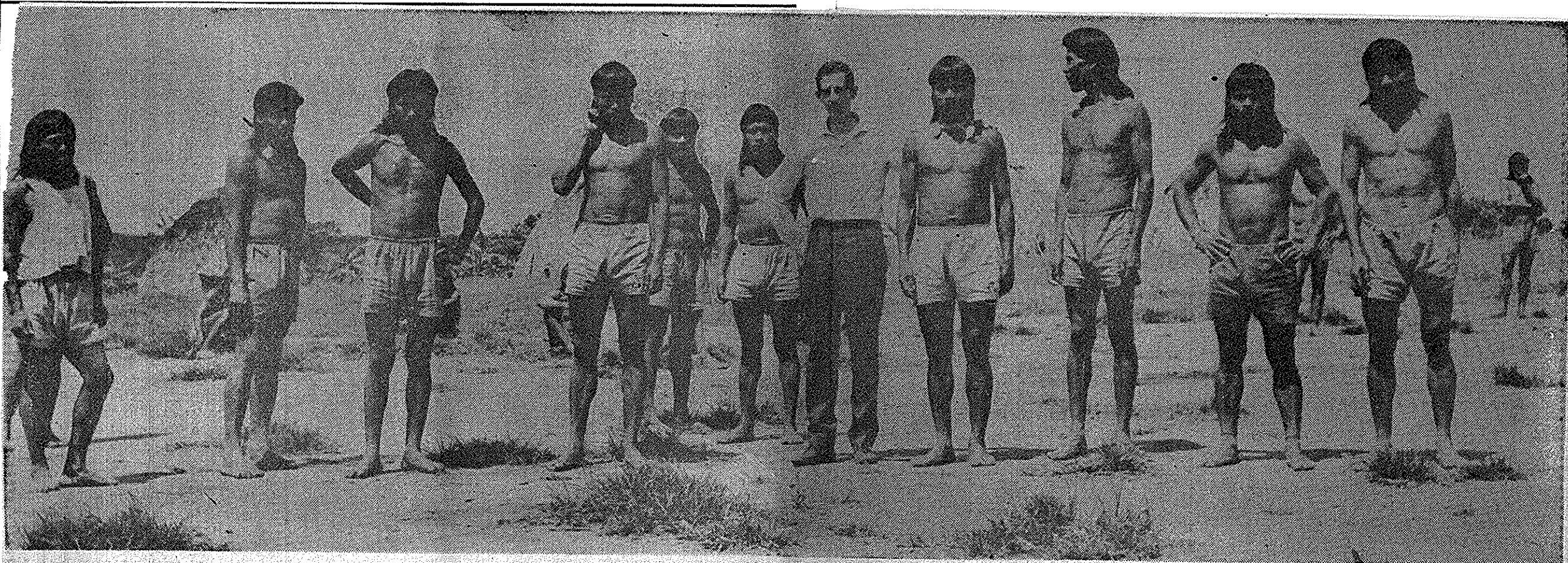
CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O São Paulo nº 1233

Class.: 361

Data 26 de outubro a 12 de novembro de 1977 Pg.: capa



No Mês das Missões falam os Índios

No mês de outubro foram especialmente lembradas, em toda a Igreja, as Missões. Ligada ao nosso Continente há uma longa tradição de defesa dos índios, por parte de homens da Igreja, insígnies pela coragem e sabedoria. Originários de vários países, esses missionários viveram e vivem a vocação universal da Igreja de pregar o Evangelho a todas as nações.

Queremos homenagear aqui os missionários-heróis e mártires de todos os tempos. Lembramos particu-

larmente os que tiveram um papel mais efetivo na América Latina, como Bartolomeu de las Casas, Juan Zumárraga, Vasco de Quiroga, Juan del Valle, Julian Garcés, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, Antônio Vieira e tantos outros em tempos remotos. Recordamos aqueles que na história bem recente de nosso País, defenderam com suor e sangue, com intransigência evangélica, o direito dos pobres, dos que perderam seu querido pedaço de chão e o direito de existir como raça, como Pe. Ro-

dolfo, Pe. Penido Bourrier, Pe. Jentel. Ao findar este mês queremos estar unidos em oração por todos os bispos, sacerdotes, religiosos e leigos que vivem para o Evangelho, que enfrentam toda uma trama de incompreensões, mas que do Sul ao Norte, do Leste ao Oeste, defendem dentro de nossa Pátria, o direito desses povos oprimidos cuja cultura a ganância insaciável do branco continua a destruir.

E para tornar mais conhecido o trabalho da Igre-

ja missionária, que apresentamos uma reportagem feita pela equipe do Regional Sul do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, em que os próprios índios falam do branco e de sua opressão.

É sobretudo na Bíblia que encontramos iluminação na busca do valor e dos direitos dos povos indígenas e da missão universal da Igreja junto a eles: "Felizes os pobres, porque de vocês é o Reino dos Céus. Felizes vocês que agora têm fome, porque serão sacia-

dos. Felizes vocês que choram, porque rirão. Felizes vocês se os homens os odeiam, os expulsam, os insultam e os consideram delinquentes por causa do Filho do Homem... (Lc 6, 20-22).

Os povos indígenas são discriminados, massacrados, dizimados. No entanto serão os que participarão do "banquete do Reino" (Lc 14, 16-24). Os povos indígenas são o pobre Lázaro que a nossa sociedade - baseada no lucro e interessada na produção - faz e

deixa morrer à sua margem. Um dia essa sociedade descobrirá que estes povos têm o essencial, têm realmente a vida e talvez seja tarde demais (Lc 16, 19-31).

Qual é pois a missão da Igreja junto a eles? A mesma que Jesus Cristo assumiu para si:

- "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou e enviou a levar a Boa Nova aos pobres (Lc 4, 18). Leia na página 4.

MÊS DAS MISSÕES: FALAM OS ÍNDIOS

Todos nós estamos acostumados a usar a palavra índio, mas poucos sabem que esta palavra foi inventada por gente da nossa sociedade para esconder uma coisa muito importante. Quando a gente se refere aos índios, a gente está usando uma palavra que não define nada, não caracteriza certo as pessoas de quem falamos. Na verdade, só nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul existem quatro povos indígenas diferentes, cada um com sua língua, seus costumes, suas tradições diferentes. São os kaingang, guarani, xokleng e terena.

Quer dizer, a palavra índio foi inventada para esconder isso, que essas pessoas não são gente perdida, sem nome, sem história. Pelo contrário: são povos, como os portugueses, italianos, alemães, etc. Os povos indígenas têm sua história de milhares de anos. Têm suas lutas, suas origens. Para os índios, a chegada de Pedro Álvares Cabral em 1500, foi apenas o começo da invasão de suas terras.

Como outubro é o mês das missões, e com o objetivo de fazer melhor conhecido dos cristãos um importante trabalho missionário da Igreja no Sul — o trabalho junto aos índios — é que publicamos essa reportagem, a palavra dos próprios índios, feita pela Equipe Regional Sul do Conselho Indigenista Missionário — CIMI.

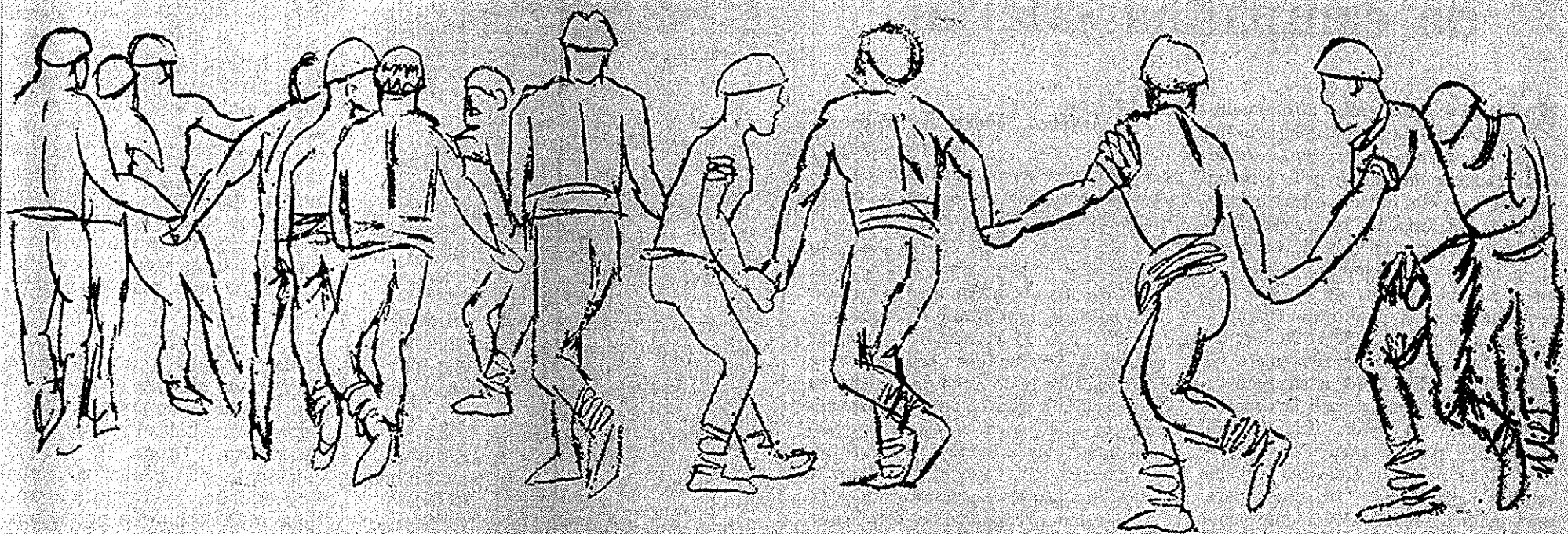
Joaquim Zalenzoê (Pareci) — “Nós somos um sangue só. Cada tribo fala uma língua, mas nós não somos inimigos. Somos unidos na amizade. Como consideramos nós assim, consideramos também todos os povos” (3a Ass. de Chefes, Meruri, set/1974).

Awatekato'i (Tapirapé) — “Eu acho que índio tem mais saber do que o branco. Porque o branco fala que ‘o índio é bobo, não sabe nada’. E o branco é sabido, sabe ler, sabe tudo, né? Mas esse pensamento dele não é bom, não. Não é sabido, não. O branco que é parecendo bobo, né?”

Só quer ficar estragando as coisas, e acabar com o índio. Era aqui, no Brasil, índio que era o dono da terra... Quanto ao índio que tá sofrendo agora? Tá sofrendo pouco, por causa do branco. O branco que

vem aí, estragou tudo, e tá querendo acabar com o índio... Quem é o dono do Brasil são índio. Não sei nem porque o branco veio pra cá... só pra... e ‘amansar’ também... pra que amansar? Só pra acabar com ele? Não podia até ficar sem amansar? Podia o índio ficar lá. Não precisa amansar. Pra que que vai amansar, e depois vai fazer a coisa feia pra ele, vai falar que é pra sair de lá... Não podia até deixar de amansar? Porque o índio não é bicho pra amansar... Amansar para poder índio ficar assim manso e o branco aproveitar a terra dele. Isso que ele pensava” (10a Ass. de Chefes, Almeida, Tapirapé, Ago/77).

Mário Juruna (Xavante) — “A gente tem que conhecer a vida do branco. A vida do branco é muito complicada, muito



chata pro índio. É muito difícil. Eu já lutei muito, já pelei pra aprender a vida do branco. A vida do índio é mais simples. A vida do índio não é mentirosa. Não tem muita encrenca. Não tem sujeira” (3a Assembleia de Chefes).

Joaquim Zalenzoê (Pareci) — “O branco entra, tira aquele lugar, pega o índio e joga de um canto pro outro. Branco não pensa que somos todos irmãos. Ele não pensa essas coisas. Branco não tem ideia... Assim que nós vamos ser daqui em diante, meus irmãos. Daqui por diante vai ser assim: o branco pisou na porta de morar índio, pode tocar flecha porque ele vem com o mal, malandro, mal educado, é com malícia que ele vem” (3a Ass. Chefes).

Vaqueano (Pareci) — “Fazendeiro entra, nos manda ele embora. Depois chega outro, diz que o Governo vendeu a terra pra ele. Governo não sabe de nada. Governo tá lá e bem comendo, deitado em palácio grande, manda empregado ajudar índio. Em vez de em-

pregado ajudar índio, não! Ele tá a favor dos fazendeiros, porque o Governo não tá sabendo, porque o índio que nasceu naquela terra, onde índio nasceu índio tá vindo naquele lugarzinho mesmo, porque índio anda muito longe, vive de caça, vive de vender feitiço. Se fazendeiro tomar área de índio, como que índio vai fazer? Índio não é cachorro, não é bicho... Tem muita gente que fala que índio não presta, não vale nada. Fazendeiro é que não presta, fica estragando os índios...” (10a Ass. de Chefes).

Mário Juruna (Xavante) — “Quando a gente fala a verdade dói pro Governo. Aquela gente vai mentindo pra ele e ele fica até contente. Mas ele nunca botou gente rica na cadeia.”

Yeicag (Kaingang) — “Eu tou vendo tudo que está acontecendo. A madeira que está saindo de cima da nossa terra, está sendo vendida (refere-se as serrarias da Funai). Dizem que o dinheiro volta pro posto à benefício do índio e nem remédio não temos. Então pra onde vai esse dinheiro? Tá me desmoralizando completamente. Não tenho valor na minha terra. Tenho pena dos índios que estão ao redor, sem casa, sofrendo sem remédios, ranchinhos de capim... A terra é nossa e não podemos fazer as roças onde queremos. Porque? O índio quando precisa de uma madeira ele podia tirar, mas agora não pode, por quê? Se tiram madeira de nossa terra, os nossos filhos o que vão ter? (8a Ass. de Chefes, Ruínas de São Miguel, Abril/77).

Argemiro (Guarani) — “Falam que os índios é ruim, é ladrão. Diz que os índios não trabalham, são vagabundo, vem na

cidade para falar mentira. Mas o que o índio fala é tudo verdade. Eu vivo do meu braço” (8a Ass. de Chefes).

Marçal (Guarani) — “Meus irmãos, chegou a hora de nós levantarmos a voz pela sobrevivência da nossa gente, que antigamente foi um povo feliz, um povo despreocupado. Somos um povo que já teve pátria, e que não tem mais pátria. Vivemos em terras invadidas, intrusadas. Nossas leis são feitas por pessoal lá de cima, que dizem que nós temos direitos, mas onde está a realidade?” (8a Ass. de Chefes).

Nós estamos cansados de promessas do Governo de Brasília e de tudo quanto é promessa. Mas nós vamos continuar. Vamos brigar. A gente está amontoando as promessas do Governo. O Governo pode acabar com índio, tomar conta da reserva do índio. Mas parece que agora ele não tem mais coragem pra matar índio. Então a gente precisa ter coragem. Nós confiamos em Deus, o Deus é Pai Grande, Deus é Todo-Poderoso. Deus está acima de tudo. O Presidente para mim não é nada. Então a gente tem que discutir o problema na cara dele. Nós não guardamos segredos. A gente tem que falar na cara dele, por que se a gente não fala, ele não resolve nada. Nunca pensa no problema do índio. Ele só pensa na riqueza do branco...” (3a Ass. de Chefes).

Nelson Xangrê (Kaingang) — “É o índio que tem que se virar para providenciar os seus problemas. É o índio que tem que ajudar um ao outro, é o índio que tem que procurar o jeito, a maneira de conseguir os problemas que é bom pro índio. É muito difí-

cil que alguém pode fazer pro índio... os problemas da civilização tá apertando cada vez mais a nós. Tá ficando pouco, cada vez mais a nossa aldeia. Então é isso que nós temos que procurar, uma maneira de seguir um caminho que dê pra nós nunca perder a nossa propriedade, o nosso direito... Mas devagarzinho a gente vai conscientizando uns outros que não estão entendendo. Não é numa vez só que a gente consegue as coisas, um dia pra outro a gente consegue, a gente resolve. Mas junto com outras comunidades fazendo reunião é muito melhor; se não, a gente nunca ia conseguir resolver por causa do filho do Homem...” (Lc 6,20ss).

A PALAVRA DE DEUS NOS EVANGELHOS
Para encerrar esta reflexão sobre os Povos Indígenas, aos quais a Igreja no Sul do Brasil tem se dedicado em sua dimensão missionária, recorremos à Bíblia para que nos ilumine na busca do valor e dos direitos dos Povos Indígenas e da Missão da Igreja junto a eles. Os Povos Indígenas são os pobres de Javé, são os verdadeiros bem-aventurados: “Felizes os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus”.

“Felizes vocês, que agora tem fome, porque serão saciados”.

“Felizes vocês, os que choram, porque rirão”.

“Felizes vocês se os homens os odeiam, expulsam, os insultam e os consideram delinquentes por causa do filho do Homem...” (Lc 6,20ss).

Os Povos Indígenas são discriminados, perseguidos, humilhados, marginalizados. Serão, no entanto, os que participarão do “banquete do Reino”, conforme ensina Jesus na parábola (Lc 14,16-24).

Os Povos Indígenas são o Lázaro que a nossa sociedade baseada no lucro e interessada na produção — faz e deixa morrer à sua margem. Um dia esta sociedade descobrirá que estes Povos têm o essencial, têm

realmente a vida, mas talvez seja tarde então (Lc 16,19-31).

Qual é, pois, a missão da Igreja junto a eles? A mesma que Jesus Cristo assumiu para si:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou. Me enviou a levar a Boa Nova aos pobres, a anunciar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista. A libertar os oprimidos e a proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4, 18s — Is 61,1).

E que sinais indicarão que a ação missionária produz frutos? Diz Jesus aos enviados de João Batista:

“Vão e contem a João o que viram e ouviram: que os cegos vêem, que os coxos andam, que os leprosos ficam curados, que os surdos ouvem, que os mortos ressuscitam e que a Boa Nova é pregada aos pobres...” (Mt 11,4s).

Pode-se ler também o Salmo 72 ao final da reflexão ou, na celebração, como uma das leituras, como oração dos fiéis ou como reflexão final.

Para encerrar esta reflexão sobre os Povos Indígenas, aos quais a Igreja no Sul do Brasil tem se dedicado em sua dimensão missionária, recorremos à Bíblia para que nos ilumine na busca do valor e dos direitos dos Povos Indígenas e da Missão da Igreja junto a eles.

Os Povos Indígenas são os pobres de Javé, são os verdadeiros bem-aventurados: “Felizes os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus”.

“Felizes vocês, que agora tem fome, porque serão saciados”.

“Felizes vocês, os que choram, porque rirão”.

“Felizes vocês se os homens os odeiam, expulsam, os insultam e os consideram delinquentes por causa do filho do Homem...” (Lc 6,20ss).

Os Povos Indígenas são discriminados, perseguidos, humilhados, marginalizados. Serão, no entanto, os que participarão do “banquete do Reino”, conforme ensina Jesus na parábola (Lc 14,16-24).

Os Povos Indígenas são o Lázaro que a nossa sociedade baseada no lucro e interessada na produção — faz e deixa morrer à sua margem. Um dia esta sociedade descobrirá que estes Povos têm o essencial, têm

realmente a vida, mas talvez seja tarde então (Lc 16,19-31).

Qual é, pois, a missão da Igreja junto a eles? A mesma que Jesus Cristo assumiu para si:



MULHER KAIKANG



JOVEM GUARANI



HOME XOKLENG



JOVEM TERENA

Os Xocó passam fome em suas próprias terras

A Missão indígena de S. Paulo em Sergipe — onde se acham atualmente os índios XOCÓ — tem suas origens no século XVII. Pedro Gomes que instituiu o morgado de Porto de Folha, se serviu dos índios Aramurus que aí habitavam, para expulsar os invasores holandeses. Em recompensa concedeu aos índios os missionários capuchinhos e o direito de morarem nas terras do morgado.

Já em 1745 há uma tentativa, porém, de anular a doação feita aos índios. Quando se faz o tombamento das terras do morgado, se inclui entre elas a Caiçara — nome pela qual é conhecido o terreno dos índios, que adentra a terra firme situada em frente à Ilha de S. Pedro, onde se achava a sede da missão dos capuchinhos.

No início do século XIX, a missão dos índios da Ilha de S. Pedro aparece como uma povoação, dirigida pelos capuchinhos, tendo 231 índios que trabalhavam na pequena lavoura.

COMO APARECEM OS XOCÓ

A Missão de S. Pedro, organizada inicialmente entre os índios Aramurus, aparece então habitada por dois grupos indígenas diferentes: Roramis e Ceocoses. Os Roramis são talvez os Aramurus do início da colonização. Quanto aos CEOCOSSES são de certo os XOCÓ, designativo tribal que aparece associado a grupos indígenas cuja presença é registrada desde o século XVII até nossos dias, num espaço geográfico que vai de Sergipe ao sul do Cea-

rá. E aos XOCÓ que se vinculam os atuais remanescentes indígenas de S. Pedro, hoje conhecidos como “CABLOCOS DA CAIÇARA”.

NEGAM A EXISTÊNCIA DOS ÍNDIOS

A promulgação da Lei das Terras, em 1850, dispõe sobre os terrenos devolutos e assim dá margem às tentativas de incorporar a estas, as terras das aldeias indígenas, sob o pretexto de que os índios já não vivem aldeados, mas se confundem com a massa da população civilizada.

Antes dessa Lei, admitia-se explicitamente a existência de índios e pediam-se missionários para cuidar deles. Depois dessa Lei, a existência dos índios é negada. Apresentam-se

as aldeias como sendo habitadas por “pessoas de diferentes castas” e “mestiços confundidos na massa da população”. Daí pleitearam a incorporação das terras indígenas aos nacionais.

APODERAM-SE DAS TERRAS

Através de aforamentos, João Fernandes de Brito se apodera, gradativamente, das terras indígenas. E, a partir de 1897, fica destruindo como forteiro, de 5 dos 8 lotes em que fora dividida a terra dos índios. Por causa desse loteamento, os índios de S. Pedro mandaram ao Rio de Janeiro quatro representantes seus para reclamar junto ao governo central o direito sobre as terras. Numa segunda viagem, vai o líder indígena Inocêncio Pires que continua-

rá, durante muitos anos, lutando para que os índios tenham seus direitos sobre as terras reconhecidos e assegurados.

INTERESSA DISPERSAR OS ÍNDIOS

Chega o momento em que interessa dispersar os índios. Assim é mais fácil provar que eles não existem, que as terras estão desabitadas e, portanto, os brancos podem legalmente apossar-se delas. Daí o uso constante da violência para evitar que os índios permaneçam nas terras disputadas. Os atuais “cablocos da Caiçara” — que são o que restou dos Xocó e que ainda ocupam as terras — testemunham o que aconteceu com eles. Jagunços armados chegavam à aldeia durante a noite. Aos índios as alternativas que

restavam eram “morrer, matar ou correr”. Os índios corriam para não morrer. Uns buscavam abrigo na aldeia dos Cariri, no outro lado do rio, em território de Alagoas. Outros se dispersavam pelas vizinhanças e, quando cessavam as violências, retornavam às suas terras.

MAS OS ÍNDIOS LUTAM POR SUAS TERRAS

Com a morte de João Fernandes de Brito (1916), os Xocó vêem uma possibilidade de recuperar suas terras e logo recomeça a questão com os descendentes do poderoso fazendeiro. O índio Inocêncio vai de novo ao Rio de Janeiro, mas não consegue que o governo re-

conheça a propriedade das terras aos Xocó.

Na década de 1930, fazem nova tentativa. Cerca de 30 Xocó se estabelecem novamente nas terras. Desta vez é a Polícia que os expulsa de lá. Uns voltam para o Posto Indígena de Porto Real do Colégio (Alagoas) onde ainda hoje vivem com os Cariri. Outros permanecem nas terras (em Sergipe) onde trabalham como meeiros, assalariados, vivendo da pesca e da cerâmica que as mulheres fabricam. Assim, por volta de 1950, encontram-se grupos de índios Xocó que vivem nas imediações da Ilha de S. Pedro.

OS XOCÓ RECORREM A FUNAI

Nos anos de 1960, os descendentes de João

Fernandes Brito compram da Prefeitura as terras da Caiçara. Cercam as terras na Ilha e impedem os índios de fazerem suas plantações.

Os Xocó se reúnem e resolvem ocupar a Ilha de S. Pedro. Os Brito movem agora contra eles processos judiciais. Os índios então recorrem à FUNAI para recuperar a posse dessas terras que foram doadas aos seus antepassados e pelas quais vêm lutando há séculos.

A decisão compete, pois, à FUNAI. Tem todos os documentos e todos os dados para fazer justiça, assegurando aos índios Xocó a posse das terras da Ilha de S. Pedro. ELES ESTÃO PASSANDO FOME EM SUAS PRÓPRIAS TERRAS.